



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3800	1900	650	120
Possessões ultramarinas (idem)	4000	2000	650	120
Extrangeiro e India.....	5000	2500	650	120

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1204

10 de Junho de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

A nomeação do Barão Marschall para ministro da Alemanha em Londres, despertou tanto a imprensa de todos os países e partidos, fazendo-se eco do que se pensava e do quanto essa nomeação preocupava o mundo político, alcançando fóros de acontecimento mundial, que não é muito, a crónica se ocupe deste assunto, como o de maior interesse para Portugal, preferindo-o a outros que neste momento se debatem de portas a dentro, que apenas podem interessar os varios politicos, infelizmente persistindo em cuidar muito mais dos seus interesses e vaidades, do que da nação.

E' de saber que o Barão Adolfo Marschall é hoje um homem de 70 anos, pois nasceu no ano de 1842, em Karlsruhe, tendo feito seus estudos em Heidelberg onde foi muito laureado e que, seguindo a carreira diplomatica nela se distinguiu de fórma a tornar-se uma das primeiras figuras da diplomacia, considerada no mundo politico.

Uma das missões mais importantes e a mais recente do Barão Marschall, foi em Constantinopla, na conjuntura que aquele país atravessa e em que o illustre diplomata tão bem soube defender os interesses da Alemanha.

Pois, para substituir o seu ministro em Inglaterra, o conde de Matternich, foi agora o governo alemão buscar a Constantinopla o seu melhor diplomata para o enviar embaixador a Londres, onde tem serios interesses a tratar com o gabinete de St. James, sobre questões economicas e coloniaes, em que estas duas nações se querem pôr de acôrdo.

Este é que é o ponto que interessa a Portugal, o que a imprensa estrangeira não oculta, a despeito de todas as declarações em contrario das duas chancelarias.

Na actual orientação

politica das nações as questões economicas e de expansão comercial é tudo, emquanto em nosso país se entretém a discutir e a barafustar se o governo hade ser do sr. dr. Afonso Costa, do sr. dr. Antonio José de Almeida ou do sr. dr. Brito Camacho, uma serie de doutores para tratarem do enfermo ou o encravarem com rabulices.

Sabe-se quanto a Alemanha e a Inglaterra se preocupam com a questão de interesses economicos, que afetam as duas potencias, em luta qual

melhor se hade defender, havendo sobre tudo uma grande rivalidade da parte da primeira.

Temos aqui uma declaração da *Taigliche Rundschau* que diz:

«Deve saber-se que uma nova questão se apresenta sobre qual o ponto em que se encontra o jogo das negociações anglo-alemans, no momento em que o Barão Marschall vem para Londres tomar nas mãos a *partida* da Alemanha.»

E mais adiante acrescenta:

«Em primeiro lugar figuram hoje as questões economicas e coloniaes a que se junta em Inglaterra o não haver tarifas protecionistas. Não ha pois motivo para tratar de problemas economicos entre as duas metropoles, a não ser o problema colonial. A Inglaterra e a Alemanha não se mostram dispostas, por emquanto, a modificar *violentamente* a carta de Africa, *eliminando dela a côr portuguesa* (o italico é nosso). A solução que se deve preferir neste momento, será, acaso, o dividir esse dominio em duas zonas de influencia economica, sem comtudo, segundo julgamos, haver modificações de territorios.»

O *Temps* publica um telegrama do seu correspondente de Londres em que lhe comunica:

«As varias informações publicadas pela imprensa de Londres e de Berlim, com respeito ás negociações anglo-alemans, despertaram aqui vivo interesse.»

«Mr. Lloyd George fez saber ao ministro dos negocios estrangeiros, ontem de manhan, a disposição em que estava de lhe perguntar se era verdade o ir-se discutir qualquer acôrdo relativo ás colonias portuguezas, ao que Sir Eduard Grey comunicou a este deputado, não poder responder imediatamente á pergunta, sobre que, na segunda feira daria explicações.»

E' dever da crónica pôr os seus leitores ao facto do que se diz na imprensa estrangeira e do que se discute nas chancelarias acerca das colonias portuguezas.



BARÃO ADOLFO MARSCHALL

NOVO EMBAIXADOR DA ALEMANHA EM LONDRES PARA O ACORDO ANGLO-GERMANICO

(Veja Cronica Occidental) — (De fotografia)

E' uma questão velha, dirá o leitor, esta das potencias cubiçarem os nossos grandes dominios colonias, mas também é certo que essa questão mais uma vez se torna a ventilar e com maior intensidade.

Os direitos de Portugal sobre as suas colonias tem sido lá fóra objéto de discussões, trazidas a publico, principalmente, por viajantes estrangeiros que ali teem transitado desde Levingstone até Cameron, Stanley e outros, que sobre elas despertaram as atenções do mundo, quando aliás exploradores portuguezes, como Serpa Pinto, Roberto Ivens, Capélo, Antonio Cardoso, Cordam, etc., por lá as atravessavam, estudavam e empreendiam obras publicas para as melhorarem, desenvolver sua colonisação, e construírem os primeiros caminhos de ferro no continente negro.

A posse e dominio de Portugal nas suas colonias está assegurada por tratados internacionaes, que ainda não foram derogados.

Agora encontra a cronica uma resenha desses tratados, no bem elaborado protesto que a Academia das Ciências de Portugal, formulou *Acerca da integridade das colonias portuguezas*, contra as tendenciosas noticias espalhadas na imprensa estrangeira.

Principiando pelo tratado de 1886 que delimitou na nossa Africa os dominios colonias da

Uma violencia nestes casos seria faltar á fé dos tratados, o que nenhuma nação civilisada poderá praticar sem perda da sua dignidade e completo desprezo da Justiça.

Entretanto é preciso prever quanto se poderá sofismar, sob o pretexto das taes zonas, ou esferas de influencia, para subrepticamente substituir a soberania de Portugal nas suas colonias africanas, que o mesmo é que esbulhar a nação da importacia que lhe resta como potencia colonial.

Para evitar este desastre, é preciso empregar todo o esforço da nossa atividade e intelligencia em fomentar o desenvolvimento progressivo colonial por meio de uma atinada administração, com leis adequadas ao país africano que facilitem o explorar suas riquezas naturaes, e garantam a emigração da metropole para aqueles vastos dominios portuguezes.

Esta seria a boa politica, a mais patriótica, a mais positiva para opôr a essas cubiças estranhas, acobertadas sob o pretexto de civilisação, que nenhum outro povo mais que o portuguez para ela tem concorrido.

Ao encerrar a cronica chega a Lisboa a grande Missão Americana *Panamá-Pacífico* que vem á Europa estudar os melhores portos para as relações commerciaes e de navegação, a pôr seu país

Escola de Arte de Representar do Conservatorio de que é director o sr. Julio Dantas, que está empregando intelligente esforço para levantar o teatro nacional da decadencia a que chegou.

O publico poudé assim assistir e aplaudir um espectáculo bem portuguez, desde o classico autor das farças até aos jovens artistas que as representaram e a musica, original de um alumno do Conservatorio, que não discordava da época.

Que a nacionalidade portugueza reviva a despeito de tantos zangãos que trabalham para a perder.

CAETANO ALBERTO.



La Exposición de Bellas Artes de Madrid (1)

La Sección Portuguesa

Con la asistencia de S. S. M. M. los Reys de España se ha celebrado solemnemente la inauguración de la Exposición Nacional de Bellas Artes. Un público numerosísimo invadió los alrededores de los Palacios de la Exposición, presentando al acto ese caracter democrático y popular que deben de tener siempre estos certámenes.

Situados aquellos edificios en el centro del Parque de Madrid, uno de los parages mas poéticos y mas bellos de Europa, con las músicas, cuyos sonos magisteriosos llenaban el espacio, y las gentes pululando por los salones de la Exposición ó paseando por los jardines alrededor de los lagos, no hay que exforzar mucho la imaginación para darse cuenta de la hermosa convivencia que allí habría entre el arte bello y la hermosura de la naturaleza. La Exposición de Bellas Artes constituirá, por ahora, el punto de reunión, de moda, de las gentes aristocraticas de la capital de España y de los que sin tener una peseta son tambien amantes de solarar el espíritu con las sugestivas impresiones de las pinturas y de los mármoles.

No hay para que decir que la concurrencia de los artistas portuguezes a la Exposición constituye una de las atracciones del certamen. Los pintores e escultores lusitanos, que han sido objéto por parte de España de una distinción de que

aun no pueden vanagloriarse otras naciones en esta clase de concursos nacionales, figurán muy dignamente al lado de los pintores, y escultores españoles que prosigüendo, en estos tiempos, los triunfos de nuestra pintura obtienen ruídososimos éxitos por el mundo, ultimamente en la Exposición Internacional de Amsterdam en donde España, en las personalidades de sus artistas Zuloaga, Sorolla, Martínez Cubells, R^o Acosta y Clará ha obtenido el Gran Premio de Honor de la Pintura y cuatro medallas de oro, recompensas no alcanzadas en tal importancia por ninguna otra nación.

Las obras de los artistas portuguezes han sido muy preferentemente instaladas en la sala central del ala derecha del Palacio de la Pintura. Un gentío inmenso llena de continuo esta sala admirando las obras de los portuguezes y haciendo consideraciones y vivos elogios de ellas. No hay

(1) Do sr. Antonio da Costa recebemos esta correspondencia que se destinava ao nosso colega *Vida Artista*, cuja publicação terminou.

O sr. Antonio da Costa desejando dar publicidade á dita correspondencia, firmada por Adelardo Covarr, artista pintor e distinto critico de arte, preferiu o *OCCIDENTE*, acompanhando a sua oferta com uma carta muito amavel, em que, entre outros, se lê o seguinte periodo, que muito reconhecido agradecemos: «*Escolhi o OCCIDENTE por me parecer a revista mais conceituada (que realmente é) e o assunto ser digno d'ella.*»



O SARAU NO CONSERVATORIO — REPRESENTAÇÃO DOS «FRADES» DE GIL VICENTE PELOS ALUMNOS DA ESCOLA DA ARTE DE REPRESENTAR — AO CENTRO O DIRETOR DO CONSERVATORIO SR. DR. JULIO DANTAS (Cliche A. Lima)

Alemanha e de Portugal, e o acordo de 30 de agosto e 1 de outubro de 1890 sobre os limites luso-alemães, temos:

«Os tratados de 12 de maio de 1886, entre a França e Portugal, limitou as fronteiras comuns nas colonias da Africa Occidental.

O *modus vivendi* de 14 de novembro de 1890 fixou as fronteiras comuns á Inglaterra e a Portugal nas colonias da Africa Occidental e Oriental. O tratado de 11 de junho de 1891 fixou os limites das fronteiras anglo-portuguezas na Africa Meridional. Os acordos de 24 de setembro e 5 de outubro de 1895, de 29 de fevereiro de 1898 e de 21 de janeiro de 1899 fixaram os limites entre as colonias portuguezas e inglesas. Os limites entre Portugal e o Estado livre do Congo foram fixados nas conferencias de Berlim e de Bruxelas. Os tratados de 25 de maio de 1891 resolveram as dificuldades de limitação entre o Estado Livre do Congo e os dominios portuguezes, e esclareceram a delimitação das esferas de soberania na Lunda.»

E' evidente que os limites dos dominios portuguezes em Africa estão definidos e assentes desde que, por circunstancias que a cronica se abstém de esmiuçar agora, outras nações tiveram artes de por lá arranjarem colonias sem os trabalhos que os portuguezes tiveram para primeiro descobrir aquele país em que estabeleceram as suas.

em comunicação direta com o velho mundo através do canal do Panamá, que será inaugurado daqui a tres anos, em 1915.

Vem ainda encarregada pelo presidente Taft de fazer a propaganda do congresso internacional que por aquela ocasião será inaugurado em S. Francisco com uma exposição também internacional, que fará o assombro do mundo porque todas as nações são convidadas a concorrer.

O espaço que resta e a hora a que esta cronica é escrita, não permite o occupar-se devidamente do assunto, que será tratado no numero immediato com a atenção que a sua importancia requer.

E agora meia duzia de linhas apenas a amenisar a aridez desta cronica com um bocadinho de arte, como foi o sarau dramatico no Conservatorio, que tão boas impressões deixou no espirito dos espectadores.

Foi ainda Gil Vicente o invocado para proporcionar algumas horas de prazer, no meio de tantas sensaborias, com a representação dos seus *Frades*, essa obra eminentemente satirica do fundador do teatro portuguez.

Na presença do chefe do Estado e do publico que alcançou assistir ao sarau, alias franco, passaram no palco os belos tipos foliões de *Frei Capacete*, com seus ditos e dansares desvelvotos; *Frei Martinho*, doído da *Nau de Amor*; o *Frade da flauta*; *Frei Paço*; *Frei Narciso*; e *Frei Rodrigo*, todos desempenhados pelos alumnos da

para que decir que los ilustres pintores Malhoa y Columbano Bordallo son los que triunfan en toda la línea, el uno con su género de costumbres y el otro con la maestría extraordinaria de sus retratos. Y para mi gusto, puesto ya á precisar entre ambos notabilísimos artistas en este certamen, yo saludo como al más victorioso al gran Malhoa, el festejado autor de *Los borrachos* obra singularíssima, eminentemente portuguesa y en la que como un simbolismo han visto los españoles el homenaje rendido por un gran pintor hermano á la manera de hacer españolíssima de nuestro immortal Velazquez. Un poco de más diversidad de tonos y cambiantes en las entonaciones de ésta obra y sería, no hay que dudarlo, de lo que estaría en primera fila en la Exposición de Bellas Artes de Madrid.

Columbano, no obstante de no hallarse muy bien representado con las tres obras que expone, sostiene en Madrid su gran fama de retratista que tantos laureles le han valido en su carrera. Zoe Wanthelet se nos muestra como una sorprendente revelación con sus dos retratos, superiormente pintado el de su madre, obra de un realismo acentuadísimo y de una factura limpia y castizamente briosa. Es una buena pintura.

Carlos Reis llama por otra parte la atención con su gran lienzo *La feria* obra en que el movimiento y bullicio de la multitud, bajó los árboles se expresa con justeza y siendo admiradísimo el ambiente do cuadro, en el que parece respirarse el aire fresco y saludable de la campina portuguesa. Muy bien, muy bien, D. Carlos Reis! (1)

De Alves Cardoso figura un cuadro que titula *Una lección*, pintura de cierto encanto campesino; de Constantino Fernandes el lienzo *Abandonadas* en donde el artista ha recogido con gran acierto una impresión social, amarguísima, una de esas tristes notas de que está llena la vida: (2) de Mattoso da Fonseca, *El amor de los hombres*, pastel delicado, acusando en el autor una fina intuición del arte; de la señorita Alicia Grillo unos cuadros de flores muy sentidamente pintados y de la Señora Emilia Santos Braga un *Desnudo de mujer* de suelta factura y muy bien de color y mereciendo grandes elogios los Srs. Alves de Sá, Vianna, Brito, Veiga, Carneiro, Vaz, Souza, Sr.^{ta} de Costa, Estrella, Saude, Freire, Pinto que se muestra como un excelente pintor de animales, y los Srs. Mello.

Tal es brevemente la impresión personal que he podido asimilar contemplantando las pinturas de los artistas portugueses, insistiendo en mis aplausos, y en horabuena á todos ellos, pero acentuando mi admiración a Malhoa, Columbano, Reis y Wanthelet, verdaderas glorias de la pintura portuguesa contemporánea.

Otro día apuntaré ligeras notas sobre la escultura.

Madrid—Maio de 1912.

ADELARDO COVARRI.

A serra do Caramullo

Entre Mondego e Vouga correm terras altas, ramo sudoeste da serra de Nossa Senhora da Lapa, e que attingem a maior altura na serra do Caramullo (1:070 metros). Parte desta serra é de natureza schistosa, parte granítica, derivando d'ahi aspectos bem diversos. Ora se veem lombas arredondadas, cortadas num ou noutro ponto pelos schistos salientes, ou sulcadas por fundos correiros, abertos pelas aguas; ora penedia enorme de rochas graníticas de formas caprichosas. E' esta a parte mais interessante da serra. Tem de certo o primeiro logar o aglomerado de rochas, que se encontra na parte mais alta da montanha e que de longe se avista.

Parece obra de gigantes. Segundo se lê na *Chorographia de Portugal* do P.^o Carvalho o duque d'Aveiro D. Raymundo teve a curiosa idéa de mandar cair este picoto e já para isso tinha cal. Lembrando-se, porém, de que o picoto branco poderia servir de guia aos inimigos, que navegassem perto da costa, desistiu da empresa.

Ha rochas curiosissimas, imitando, umas, estatuas mutiladas, outras, porticos gigantes (fig. 2), grutas vastas, como se vê na Longara

(fig. 3)¹. E' ainda notavel nesta parte o correiro por onde corre a ribeira do Carvalhinho, especialmente ao pé da ponte.

E' abundante em aguas a montanha, correndo umas para o Criz e outras directa ou indirectamente para o Vouga, e as aguas sam de primeira qualidade. E' optima a que no Cadraço sae pela fenda dum rochedo. E' purissima e quasi medicinal.

A serra é muito povoada, mesmo até nas grandes altitudes. O Cadraço e Almofala ficam a mais de 900^m.

Privilegios concedidos em tempos pelos reis e a influencia de infantes e de duques de Vizeu determinaram a formação das diversas povoações que hoje ali se encontram. As principaes sam S. João do Campo e Guardão. Outras em tempos tiveram não pequena importancia que perderam. Neste caso está Janardo, que em tempo teve paço de justiça, pelourinho e habitação dos senhores daquellas terras.

Algumas destas povoações sam curiosas. Construidas nos flancos inclinados da montanha em degraus, cortadas dor vezes por terras cultivadas, sam de pitoresco effeito.

Paredes (fig. 1), situada a 800^m d'altitude, é uma das mais interessantes. Possante cortina granítica protege-a dos ventos do Norte e de Oeste: em frente o horizonte é fechado a enorme distancia pela serra da Estrella. O observador gosa d'ahi uma vista esplendida. O quadro é limitado á direita pelo *Cabecinho da neve*, mas aberto em frente e para a esquerda de modo a ver-se tudo quanto vaç do Caramullo á serra da Estrella. E' um panorama esplendido. Que bello não é quando as nuvens cobrem as terras baixas e o sol brilhando procura desfazer-las!

A cultura das terras dá-se em quasi toda a serra. Todas as povoações estão cercadas de campos cultivados. Boas arvores não são raras e muitas mais poderia haver, se um pouco de cuidado e diligencia d'ellas tratasse. Junto a Paredes ha um bom pinhal e pela serra aqui e ali se encontram grupos de pinheiros indicando aos habitantes a possibilidade de augmentar a riqueza florestal, cada dia mais diminuida infelizmente.

Até grande altura se encontra, além do pinheiro, o carvalho e de certo muitas outras plantas arboreas poderiam ser cultivadas.

A maior parte da serra poderia estar povoada



IGREJA DO GUARDÃO

de arvores, o que seria boa fonte de receita para os habitantes.

A vegetação da serra é quasi toda rasteira, formada principalmente de urzes, tojo e carqueija. E' dahi que os lavradores tiram os materiais para estrumes e ainda combustível. E' ainda d'esses vegetaes que tiram alguns alimentos os gados, que são bastante numerosos.

Dos vegetaes que se encontram na serra, um merece especial menção. E' o loendro (*Rhododendron baeticum*), abundante nas visinhanças de Campia. Por entre rochas, por onde corra um fio de agua esta planta prospera dando á paisagem um aspecto interessante. Na epoca da floração (abril e maio) esta parte da montanha transforma-se em verdadeiro jardim. (fig. 5)

A gente desta serra é boa. Todos se occupam no cultivo das terras e no tratamento dos gados. Dos seus trajés é curiosa a capucha, de que homens e mulheres usam. (fig. 4)

Produzem as terras milho e centeio principalmente e em muitas partes ainda se cultiva a vinha. As vacas dão optimo leite, hoje empregado no fabrico de manteiga.

A serra tem, como outras, recordações historicas, costumes interessantes e lendas mais ou menos curiosas. Dos tempos preehistoricos ha a *anta*, regularmente conservada, perto da pequena povoação do Espirito Santo d'Arca. (1) De tempos antigos restam a capella de S. Bartholomeu e a igreja do Guardão, a primeira que houve na serra, hoje modernizada e por isso sem valôr. Diz-se que houve castellos mouriscos e que d'elles são resto fragmentos de telhas, não raros nas proximidades da capella de S. Bartholomeu. Ahi tambem se occultou em gruta de grandes rochedos, segundo a tradição, D. Antonio, prior do Crato. Por occasião da invasão franceza thesouros foram escondidos em troncos ôcos de velhos e collossaes castanheiros. A pequena distancia da capella de S. Bartholomeu está o poço da grade que dizem ter a grande profundidade uma grade de ouro, que ninguem até hoje pôde tirar, porque quem isso tenta, lá fica.

Pela serra e visinhanças ha durante o anno varias romarias e festas.

Destas é curiosa a das *cruzes*, que tem logar em quinta feira da Ascensão.

Reunem-se nesse dia junto á capella de S. Bartholomeu os povos de varias freguezias com as respectivas cruces e d'ahi seguem até á igreja do Guardão, junto da qual páram. Dessa igreja sae então o parcho com seus freguezes e a cruz parochial, que vaç tocar nas cruces das freguezias presentes. E' o *abraço das cruces*, como dizem...

Entram depois todos no pequeno templo para orar.

Por tudo esta serra merece atenção.

Hoje uma linda e boa estrada passando por Tondella, Campo de Besteiros e Guardão dá accesso até Paredes. Os amantes de lindas paisagens não deixem de visitar esta curiosa montanha.

J. HENRIQUES.

Exercicios de artilharia para provas de recrutas

Realisaram-se, nos ultimos dias, uns exercicios de artilharia para provas de recrutas, que deram bom resultado.

A arma de artilharia é, por ventura, aquella do nosso exercito que se encontra em melhores condições de instrução e armamento, especialmente, a de baterias de artilharia a cavallo aquartelada em Queluz.

O seu armamento é do mais moderno e perfeito, consistindo em peças de tiro rapido de calibre 7^{mm},50 (T. R.) com escudo protetor de aço e armões blindados, e pertencendo a cada bateria um carro observatorio, completa inovação, no nosso exercito.

Estes carros observatorios são formados de uma série de estrados ou caixas, que se ajustam umas sobre as outras por meio de corrediças que permitem graduar-se-lhe a altura, conforme fór preciso. São protegidas de coraça de aço.

Estes observatorios assim dispostos permitem aos officiaes observar com mais segurança não só o campo de tiro, como o alvo onde os projeteis acertam, podendo assim regular mais facilmente as pontarias.

E' isto que se encontra representado na primeira gravura dos exercicios.

Difere a artilharia denominada a cavallo da de campanha pela circumstancia de que, na primeira os serventes de peças vão a cavallo e na segunda vão sobre os armões. Vê-se por isto que a artilharia a cavallo se movimenta com mais facilidade.

O exercicio a que nos referimos, constituiu a prova final de instrução de recrutas, e pelas condições em que se realisou foi novidade, pois nele se simulou um combate com fogo real, isto é, com granadas, em vez de tiros secos.

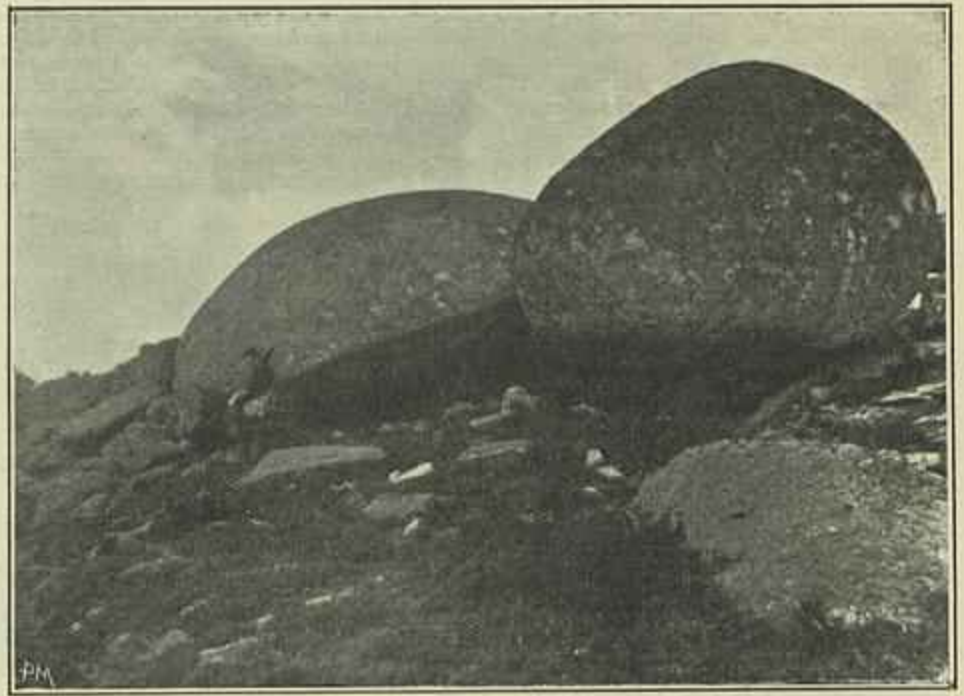
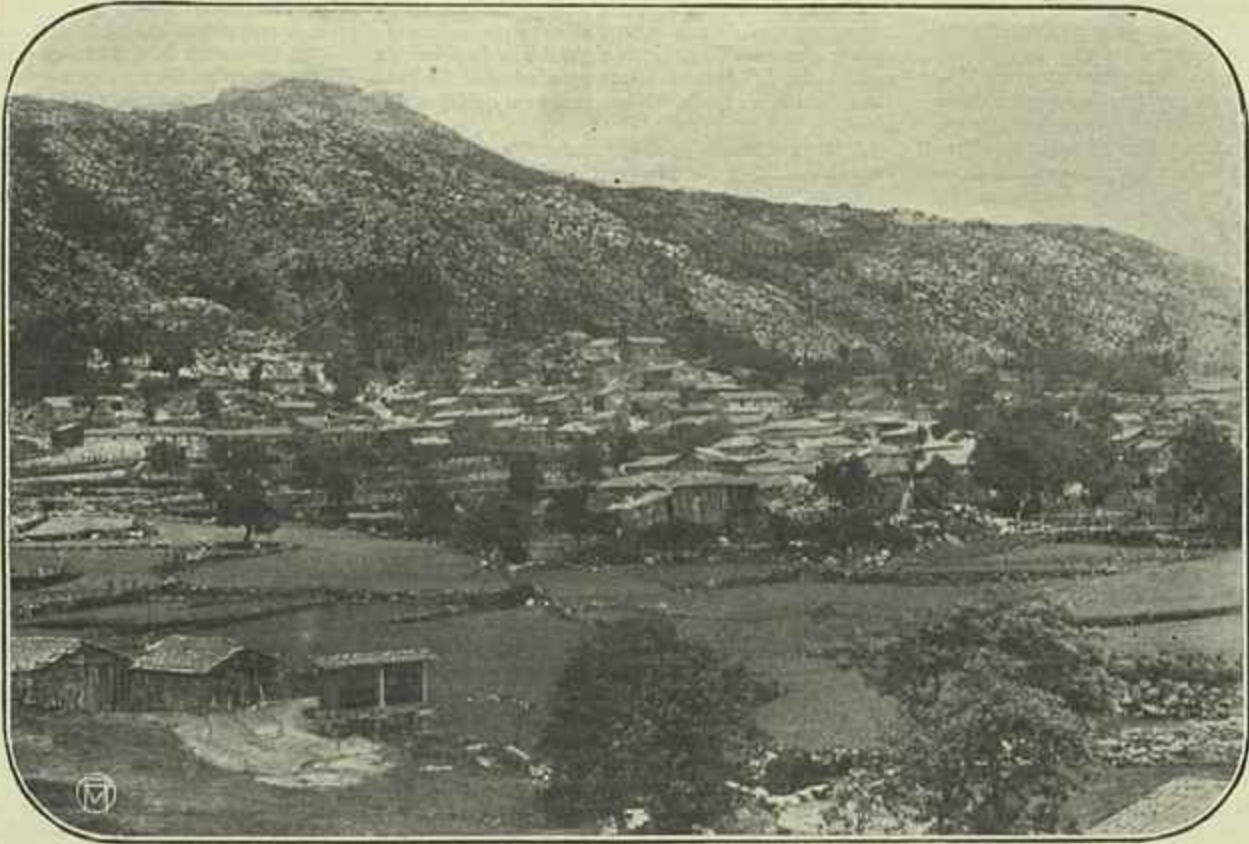
Estes exercicios assim só se têm feito na Escola de Tiro de Artilharia, em Vendas Novas, exigindo maiores despesas com transportes, o que se poupou agora, fazendo-os nas proximidades do quartel.

(1) Este quadro foi publicado em suplemento brinde ao n.º 1152 do OCCIDENTE de 30 de dezembro de 1910.
(2) Publicado em o n.º 1093 do OCCIDENTE, pagina 113 de 1909.

(1) A rocha inclinada tem 6^m,94 de comprimento e a parte que pousa no rochedo da direita fica na altura de 1^m,81, formando uma vasta gruta.

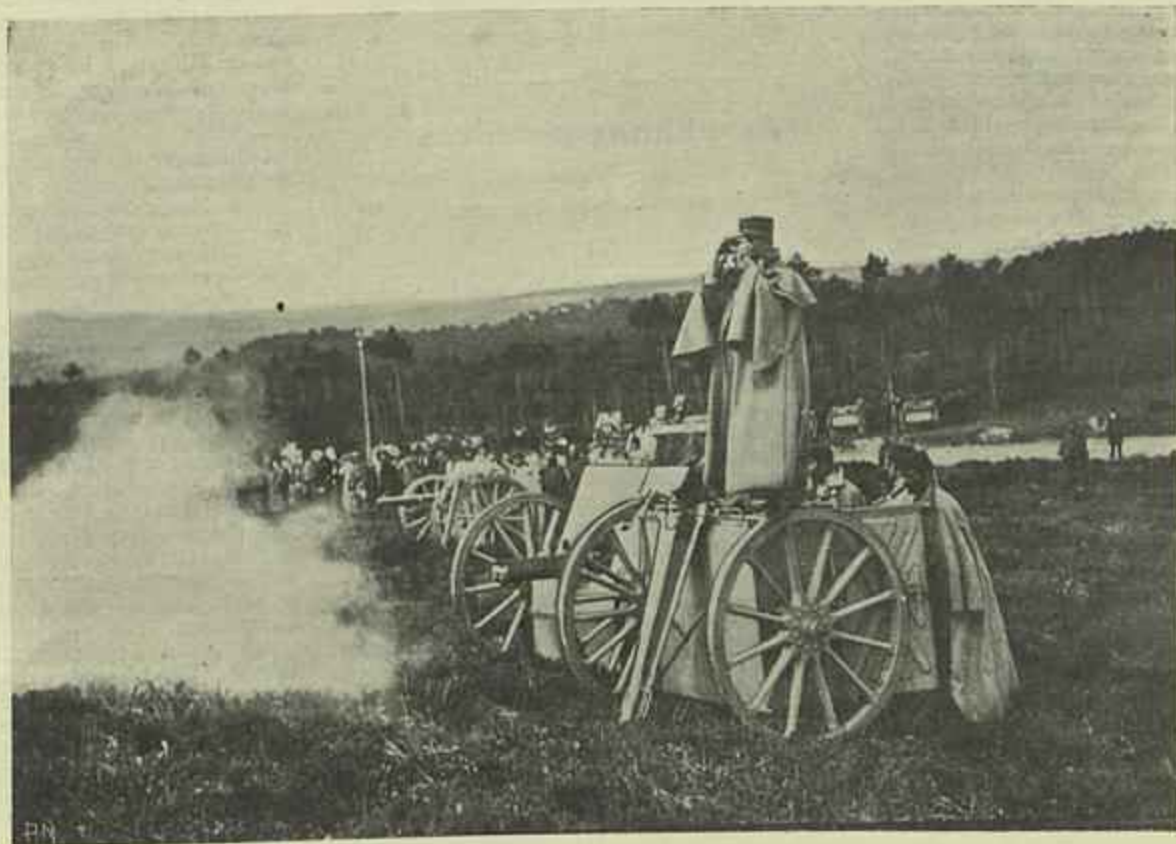
(1) Reproduzida no n.º 1183 do OCCIDENTE, vol. XXXIV de 1911, pagina 248.

A SERRA DO CARAMULLO

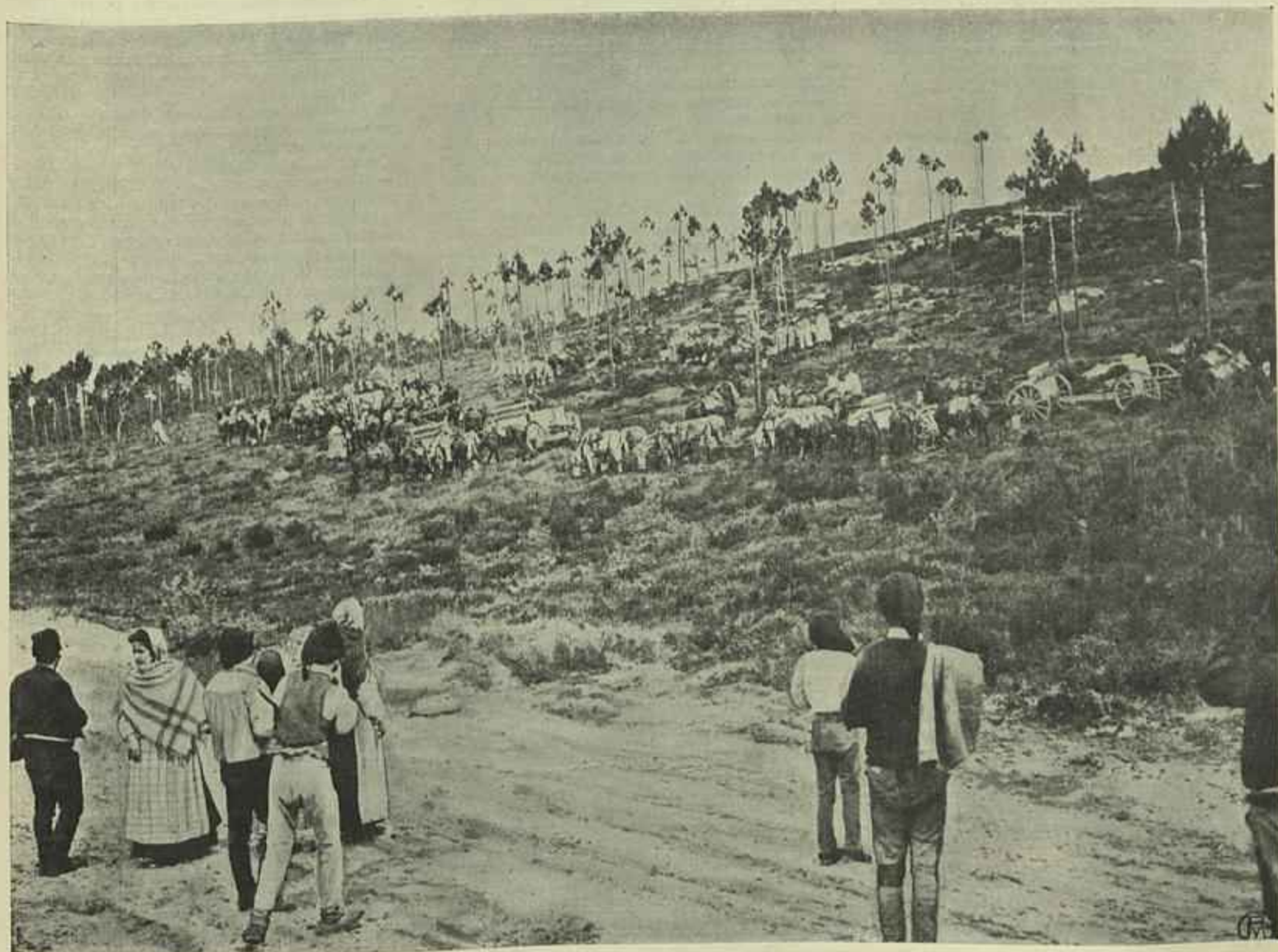


1. PAREDES — 2. UM PORTICO GIGANTESCO — 3. LONGARA — 4. HABITANTES DA SERRA — 5. O LOENDRO, NAS VISINHANÇAS DE CAMPIA
(De fotografias enviadas pelo sr. J. Henriques)

Os exercicios de Artilharia para prova final de instrução de recrutas



UM OFICIAL, NO CARRO OBSERVATORIO, VERIFICANDO ONDE FOI CAHIR A GRANADA LANÇADA PELA PEÇA QUE LHE ESTÁ PROXIMA



DEPOIS DO EXERCICIO, A BATERIA EM DESCANÇO
(Clichés da «Mala da Europa»)

Para o efeito, foi escolhido o terreno compreendido entre a estrada de Belas ao Sabugo e a de A Beja a D. Maria, um pouco a cavaleiro do Casal da Corujeira. Avisou-se a população das vizinhanças, do dia e hora do exercício, para que não transitasse ninguém nos terrenos limitados e foram postadas vedetas em todos os caminhos convergentes para mais segura precaução.

Os alvos foram dispostos a dois mil e seiscientos metros de distancia das baterias, verificando-se durante o exercício que os recrutas aproveitavam os tiros com precisão.

Os exercícios satisfizeram plenamente, tanto os officiaes como os srs. ministro da guerra e general comandante da primeira divisão que a elles assistiram.

Sé de Lisboa

(Concluido do numero antecedente)

Resta-nos agora archivar, n'estas, paginas a parte da sua obra que corre impressa e que, com quanto importante, muito mais o seria, se toda ella gosasse de igual beneficio, pois são valiosos os trabalhos ineditos que se encontram espalhados pelas diversas secretarias, principalmente nas do ministerio da fazenda, onde durante o seu consulado, tudo era escripto de seu punho, com excepção, unicamente, das portarias de mero expediente.

Dos seus trabalhos impressos, de que temos conhecimento, damos, pois, a seguinte nota:

As conferencias democraticas e a reacção. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1871. (164 × 88) de 13 pag.

Os melhoramentos do porto de Lisboa. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados, na sessão nocturna de 2 de julho de 1885, por Augusto Fuschini, deputado pelo circulo n.º 81 (Santiago do Cacem, Grandola e Torrão). Lisboa, Imprensa Nacional, 1885 (177 × 90) de 56 pag.

Problemas e resoluções sociaes. I Construcção de casas economicas e salubres para habitações das classes pobres. Ibi 1884 (180 × 90) de 43 pag., e mais duas folhas com quatro mappas.

II Regulamento do trabalho dos menores na Industria. Ibi 1890 (178 × 90) de 103 — 1 pag.

III Padarias municipaes e cooperativas. Lisboa, Imprensa democratica, 1889 (195 × 20) de 144 — 1 — II pag. e um Plano typo da padaria Municipal de Lisboa.

As duas ultimas dictaduras. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados, nas sessões de 29 e 31 de maio e 3 de junho. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850 (174 × 90) de 101 pag.

Exposição de principios da Liga Liberal. Lisboa, 1890. Imprensa typographica. (206 × 120) de 15 pag.

São os Estatutos da mesma Liga.

Fragmentos de memorias. Liquidações politicas. Vermelhos e Azues. Lisboa, Companhia typographica, 1896 (176 × 95) de XV — 351 — 82 — 1 pag.

II O presente e o futuro de Portugal. Ibi 1899 de XV — 430 — 2 — 97 — 1 pag., e dois mappas.

A eleição de S. Tiago de Cacem em 1899. Apreciações dos resultados do inquerito dirigidas ao venerando tribunal de verificação de poderes. Ibi 1900 de 24 pag.

A nossa situação financeira em 1900. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados, na sessão de 24 de abril. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900. (179 × 91) de 69 pag.

O «Convenio» sobre a divida externa. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados, na sessão de 21 de maio de 1901. Ibi 1901. (179 × 91) de 84 pag.

Ensaio de historia da arte. A architectura religiosa na Edade-media. Ibi 1905. (181 × 97) de XXI — 292 pag.

Como dissémos, ao principiar este artigo, nunca tivemos a pretensão de escrever a biographia

de Augusto Fuschini; por isso, o que ahí fica, são simples apontamentos, que servirão, quando muito, de pequeno guia, a quem tiver de traçar o perfil de tão illustre portuguez.

MARTINHO DA FONSECA.

As ultimas perdizes

(Continuado do numero 1202)

VI

A indiscrição parva do Inacio veiu reanimar a discordia daquela noite em casa do dr. Gil, que parecia ter-se acalmado entre elle e a Germana. Tudo transtornado!

O Inacio, na precipitação de fugir ás iras do advogado, não deixára só cahir o chapéu de chuva e as perdizes, deixára tambem cahir a carta, que a Germana, não lhe escapando nada, sorratamente foi apanhando do chão, sem que o doutor, no meio da sua furia, desse por isso.

Meio esquecido das dôres fisicas que, naquele momento, não torturavam menos que as dôres moraes, o dr. Gil, meio dentro, meio fóra da cama, clamava pelo Inacio, que fugira á sua cólera com a precipitação que se viu.

O escrevente havia de deslindar a meada, que no dizer do dr. Gil, elle enredara.

Era um imbecil, um parvo, explicava o dr. Gil á Germana, confundia as coisas; já lá no cartorio acontecia o mesmo, misturava os processos uns com os outros, e só a sua paciencia é que o fazia aturar, por ter dó daquele desgraçado, sem arte nem jeito para nada.

Agora armara todo aquele enredo com as perdizes e a carta. Não sabia explicar, uma coisa tão simples, de nenhuma importancia, mas que elle tivera artes de complicar e fazer o pómo de discordia naquela casa, onde sempre houvera paz e socêgo.

la, por fim, despedir o Inacio, não estava para lhe aturar mais asneiras, que fosse para o diabo...

A Germana, muito flautenta, não se poude conter sem sahir em defeza do pobre escrevente, e atalhou com reprimenda:

— E' o pago que o sr. doutor lhe dá de o servir como um cão.

E continuando em desabafo mal contido:

— A mesma sorte me espera, mas eu é que me vou embora antes que o sr. doutor me mande...

O doutor não deixou a Germana acabar a frase, saltando pela cama fóra, tão lesto, como se nada já lhe doêsse e, agarrando a Germana por um braço, fel-a sentar proximo d'elle, tentando um esforço sobre si proprio para apazigual-a.

— Venha cá, que ninguém a manda embora. Tinha que vêr se depois de tantos anos me deixava por uma ninharia. E não hei-de eu estar contra o Inacio que armou toda esta intriga.

Mas a Germana, indignada, atalhou, no meio dos seus flatos:

— O Inacio, o Inacio é com que o sr. doutor lhe dá. Querem vêr que elle é que escreve cartas ás senhoras a quem o sr. doutor manda perdizes?!

O dr. Gil intopiu por momentos com este argumento, até que uma ideia luminosa o tirou da atrapalhação em que estava.

— Mas quem lhe disse que eu escrevia cartas a senhoras...

E a Germana prontamente:

— Ora essa, então eu não oiço bem?

— Talvez ouvisse mal, no meio da confusão que fez aquele maldito Inacio e para mais...

— Credo, interrompeu a Germana supresticiosamente. Não diga essas coisas do pobre homem, que até é um pecado.

E tirando da algibeira do avental a mal fadada carta, acrescentou:

— Olhe, sr. doutor, se eu ouvi mal, aqui está a carta que me não deixa mentir.

O doutor intupiu novamente perante aquella prova esmagadora, que não esperava, mas como advogado encartado na rabulice dos tribunaes, não se desconcertou e pronto lhe acudiu uma ideia:

— Ah, você tem a carta; tanto melhor. Dé-a cá, e já vae vêr como está enganada.

A Germana abriu muito os olhos para vêr melhor. Ela o pouco que sabia lêr tinha-o aprendido com o doutor em horas de paciencia para a ensinar. Com dificuldade escrevia o rol das compras que só ella e o galego dos recados enten-

diam, mas apesar disso lia um tanto melhor principalmente a letra do patrão, a que de resto estava mais acostumada.

— Talvez ouvisse mal, mas ainda sei lêr bem o que ahí está, disse a Germana apresentando a carta.

O dr. Gil forçou uma gargalhada enquanto a Germana cada vez escancarava mais os olhos sem compreender por que o doutor se ria tanto.

— Então que leu você, Germana?

— Li o que ahí está escrito: D. Vitoria Eusebia Valente...

E o doutor continuava ás gargalhadas, como quem ouvisse um grande disparate.

— Está enganada; está enganada, e rindo, rindo, que parecia um despropósito, acrescentou: não é dona, é doutor.

A Germana, espantada com tanto rir, chegou a recear que o doutor tivesse enlouquecido, e ainda mais por aquela troca de dona e de doutor, que não percebia.

— O que diz o senhor?

— Digo que é doutor e não dona, e afrouxando mais o riso: você não percebe?

— Eu o que percebo é o que ahí está escrito: D. Vitoria Eusebia Valente!

— Engano. A sua confusão provem de me ter escapado pôr um r adiante do d, pois a carta era para o meu amigo de infancia, como já lhe disse, o dr. Eusebio, que é o nome pelo qual todos o conhecem.

— O senhor é que me está enganando com essa historia. Pois se elle se chama Eusebio, como é que está ahí escrito Vitoria?

— E' o seu primeiro nome, mulher. Você não percebe.

— Se eu não percebo, tambem o Inacio não percebeu...

— Ah! é que está a causa de toda esta embrulhada, atalhou o dr. Gil com aparente indignação. Se não fosse aquele estúpido ir á procura de uma D. Vitoria em casa do dr. Eusebio, e acudindo-lhe uma ideia subita, acrescentou: Como havia ele de encontrar a tal senhora se ella lá não morava?

A Germana, meio convencida, pareceu concordar, enquanto o dr. Gil, num gesto intorrogativo, superior, observava o efeito que aquele argumento de ultima hora, produzia na sua antiga governanta.

— Lá isso será verdade, mas porque entendeu o sr. Inacio que era uma dona Vitoria e...

— Pois ahí é que está a estupidez, atalhou com esperteza o doutor.

Continuando, conciliador.

— Olhe minha Germana, isto não vale nada e comtudo eu tenho me exaltado e você tambem. Acabe-se com a semsaboria que veiu perturbar a paz desta casa. São horas de socegar. Veja se me põe outras papas quentes, que estas já estão frias, e o doutor aconchegava-se com a roupa, como quem precisava descansar, soltando um gemido de fadiga.

A Germana com os seus flatos, esterica, nervosa. sentia necessidade de repouso e, mais humanizada, com o gemer do doutor, foi-lhe applicando umas novas papas sobre os rins, chegando-lhe melhor a roupa, como se faz ás creanças.

Tudo entrara em socego, quando a criada veiu gritando da cosinha que havia gente de mais em casa.

Vira atravessar um vulto e sentira mecher na porta da escada.

A Germana cheia de medo, mal se teve nas pernas, e o dr. Gil inquirindo do que sucedia, levantou-se da cama em camisa de dormir e lançando mão de uma espada da panoplia que tinha no gabinete immediato, avançou pelas casas fóra, indo á frente a criada, moça e resoluta, de canieiro na mão, á descoberta do inimigo.

Sombras fantasticas moviam se pelas paredes das casas que os dois iam percorrendo. Eram as projecções das suas figuras que se desenhavam agigantadas, pavorosas, fugindo deante da espada do dr. Gil, que elle em vão brandia para um lado e para o outro.

Assim percorreram todos os cantos, sem encontrarem ninguém, até á porta da escada, que estava aberta, quando ao mesmo tempo ouvindo-se dentro de casa uns esganiçados uivos que partiam do quarto do doutor, para lá se dirigiram apressadamente os dois, indo dar com a Germana cahida sobre o sofá a espernear com um ataque nervoso.

Era o que faltava.

O dr. Gil, largando a durindana, acudiu a so-

correr a governanta que estrebuchava, esganiçando-se, enquanto a criada ia fazer chá de erva cidreira e tilia, de que havia sempre fornecimento em casa, para aqueles casos.

Os vizinhos de cima acordados do seu melhor sono pelos guinchos da Germana, ainda vieram saber o que era aquilo a deshoras, que alarmava todo o prédio.

A criada explicava-lhes o caso. A sr.^a Germana assustara-se com medo de ladrões e vae dahi dera-lhe um ataque de nervos a que era atreita.

— Coitada, lamentou a vizinha do lado, que primeiro acudira, em trajes menores, com um chaile pelos hombros e saias brancas. — Anda por ahi muita ladroagem. Tem razão, tem.

— Estimo as melhoras disseram os vizinhos recolhendo-se a suas casas e trancando as portas.

Entretanto o dr. Gil tomava bochechos d'agua e borrifava a cara da Germana como um mangérico, segurando-lhe com dificuldade os braços que ela atirava para um lado e para outro numa grande tensão indomável.

A criada, por sua parte, fazia ingerir á Germana uma tarraçada do chá que fóra fazer, apertando-lhe o nariz para elle abrir a bôca, e com esta metralha toda, a doente foi acalmado, á maneira que expelia sonoros arrôtos, cahindo por fim numa prostração a que se seguiu um sono reparador.

Até que, emfim, poderam todos dormir naquela casa, ia para as tres horas da madrugada.

Era tambem a hora a que o Inácio se deitava, vindo de corrida, a passo acelerado, como sahira a occultas de casa do dr. Gil, onde se escondera debaixo de um reposteiro, quando desapareceu das vistas do advogado, esperando momento que lhe parecesse oportuno para se pôr ao fresco.

Era, emfim, o vulto que, da cosinha, a criada vira atravessar o corredor correndo para a portal

VII

O Inácio, alapardado sob o reposteiro, ouvira toda a contenda entre o doutor e a Germana e, com quanto não fôsse muito esperto, não era tão imbecil, como o advogado lhe chamava, tendo o discernimento sufficiente para compreender a situação que, sem querer, sem ter culpa, é certo, criara entre o advogado e a governanta; comprehendera até quanto a sua propria situação estava comprometida, na eminencia de perder o modesto emprego que tinha, que só os cães tornavam um pouco mais chorudo. Que seria d'êle sem os cobres que o advogado lhe dava a ganhar e sem o auxilio dos perdigueiros!

Eram estes os raciocinios que o pobre escrevente fazia ao acordar, no dia seguinte, á bulha dos cães na cosinha, para êle lhe abrir a porta do quintal e dar o almoço.

Os cães eram servidos em primeiro lugar, embora o almoço, como o jantar, fôsse umas magras sopas em agua da loiça, que o Inácio ia buscar á taberna de baixo, onde êle depois se banqueteara com algum prato de mão de vaca ou meia desfeita de bacalhau.

Uma ucharia que o pobre Inácio naquela manhã mal ruminava entre os dentes, sem lhe poder ir para baixo.

O desalento apossara-se d'êle, e, mal engulindo o almoço, poz-se a caminho para ir abrir o escritorio do advogado e esperar as ordens. Ia á ventura, na esperança de que o dr. Gil lhe perdoaria, reconhecendo a sua innocencia, que de resto, êle não tinha cometido nenhum crime. O dr. Gil é que lhe queria deitar as culpas, mas por fim havia de reconsiderar, porque era homem justo, de bom coração, embora com mau genio.

Estava o Inácio nestas considerações, quando chegou ao escritorio um galego com recado do dr. Gil, para êle ir sem demora á sua casa.

O escrevente sentiu calafrios, tremeram-lhe as pernas, mas chamando a si toda a coragem de que podia dispôr, foi a caminho da praça da Alegria, que nunca para êle fóra tão triste.

Chegado a casa do dr. Gil, quem primeiro lhe appareceu foi a governanta, já um tanto refeita dos incomodos porque passara durante a malfadada noite. Principiou logo a inquirir do Inácio sobre a incumbencia que o doutor lhe dera e que êle tão mal desempenhara; mas o escrevente manteve-se em certa reserva, perguntando antes pelo sr. doutor, se estava melhor, se já se tinha levantado, porque não fóra ainda ao escritorio, que lhe dava cuidados e assim por deante, evitando de responder para não se descahir com qualquer indiscreção, e mostrando grande empenho em falar ao doutor, encaminhava-se para o quarto, seguido da Germana, que o não largava.

O dr. Gil levantara-se da cama para uma cadeira e, muito embrulhado em roupas, com o

barrete de dormir puxado sobre as orelhas, não se reconhecera n'êle, seguramente, o dandi e lesto caçador da vespera que fizera andar em bolandas o Inácio por montes e vales.

O seu aspêto era mais tranquilo e tanto, que o Inácio ganhou certo animo ao aproximar-se d'êle como se aproximasse duma fera. Entretanto ia resignado, disposto a tudo que viesse de bom ou de mau.

O doutor assim que o viu no limiar da porta mandou-o entrar e tão sereno quanto ponde, interrogou:

— Ora diga lá, onde o mandei eu ontem, e com breve pausa piscando disfarçadamente um olho, para que a Germana não percebesse, continuou. — Não foi levar uma carta e umas perdições ao dr. Eusebio? Diga, diga, e tanto piscava o olho esquerdo como o direito, aproveitando enquanto a Germana não despregava a vista do Inácio a vêr a cara que êle fazia.

O escrevente lembrando-se do que ouvira, escondido sob o reposteiro, não foi tão estúpido que não percebesse onde o doutor queria chegar, de mais a mais com a piscadela dos olhos. Não havia que hesitar na resposta e por isso acudiu prontamente sem pestanejar sequer.

— Foi sim senhor, e, como se o dr. Gil o tivesse suestionado, continuou lampeiro. — Eu é que entendi mal e me confundi com o subscrito da carta, parecendo-me que era para D. Vitoria, sem me lembrar que o dr. Eusebio tambem tinha aquele nome. Foi uma burrice minha, foi, pois eu bem sabia que êle se chamava assim. Tão poucas cartas lhe tenho eu levado...

Alguma vez o Inácio havia de ser esperto... O dr. Gil estava radiante; até tirara o barrete de dormir, como mais um alivio para o seu coração oprimido, agora satisfeito com aquella sahida do Inácio.

O caso, porém, não ficava por ali.

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO.

Publicações da Academia das Ciências de Lisboa

A Fundadora da Igreja do Collegio de Santo Antão (Da Companhia de Jesus) e a sua sepultura. — Noticia documental apresentada á Academia das Ciências, por Victor Ribeiro, socio correspondente da mesma Academia, dos Institutos de Coimbra, Rio de Janeiro, Pernambuco, etc. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1911. In folio de 55 paginas com uma gravura.

O autor dedica este trabalho á memoria do erudito antiquario e paciente investigador, José Maria Antonio Nogueira.

Como todos os trabalhos do sr. Victor Ribeiro é este de paciente investigação documental apresentado á Academia das Ciências, que o mandou imprimir, em vista do parecer favoravel da respectiva secção.

Melhor do que poderíamos escrever para despertar o interesse do leitor por esta importante *Memoria*, temos o referido parecer, firmado pelos socios da Academia srs. Henrique da Gama Barros, José Leite de Vasconcelos e José Ramos Coelho (relator) que põe em relevo os topicos desta *Memoria*, como segue:

«Desperta logo a atenção e excita a curiosidade a *Memoria* que o socio correspondente, o sr. Victor Ribeiro apresenta á Academia das Ciências, para ser por ella publicada, com o titulo — *A Fundadora da igreja do collegio de Santo Antão (da Companhia de Jesus) e a sua sepultura* — ao considerarmos que esta fundadora, D. Filippa de Sá, condessa de Linhares pelo seu casamento com D. Fernando de Noronha, era filha de Mem de Sá, o celebre governador do Brasil, de 1558 a 1572, e sobrinha do poeta Sá de Miranda, um dos perduraveis luminares da nossa literatura.

Baseia-se a *Memoria* em varios impressos e manuscritos, mas sobretudo no contracto entre a condessa e os religiosos do Collegio de Santo Antão para esta fazer, no que a esse tempo elles construam, uma igreja com a sua capella-mór, onde seria enterrada, ao que assigna os meios convenientes, e no testamento da generosa fidalga, que ainda se refere tanto a uma como a outra coisa.

A filiação da condessa e este facto levam o sr. Victor Ribeiro a falar de Mem de Sá, desse memoravel portuguez, que com tanto bri-

lho e proveito cuidou da defesa e progresso da vasta colonia confiada pelo Governo á sua esclarecida solicitude, e que fundou a cidade do Rio de Janeiro, hoje florescente capital dos Estados Unidos do Brasil. Nem era natural que o auctor deixasse de se alongar nesta parte, visto que D. Filippa de Sá herdou todos os valiosos bens de seu paç, com elles favoreceu a construção da igreja do Collegio dos jesuitas, e a estes os veiu a deixar na totalidade, assim como os de seu irmão Francisco José.

As obras da nova casa de Santo Antão (a antiga era a chamada o Colleginho) haviam começado muito antes do contracto da condessa, ainda no tempo do infante D. Henrique, depois rei, e as contrariedades e violencias a que deram causa, movidas pelo povo e pelo convento de Sant'Anna, são resumidas pelo auctor da *Memoria*, fornecendo-nos uma clara amostra do que era a sociedade e naquella epoca, e quaes a perseverança e poder dos jesuitas, que, obrigados por vezes a desistir do seu proposito, o alcançaram em parte, quando o infante, seu desvelado protector, subiu ao throno, e totalmente, depois de elle fallecer, isto apesar da publica indignação contra as despesas de ahi provenientes ao Estado em tempos de tamanha desgraça, e até apesar dos pedidos do proprio senado da Camara de Lisboa.

Duravam ainda as obras do novo Collegio quando a condessa de Linhares celebrou com os jesuitas o contracto para a edificação nelle de uma igreja e da sua capella-mór, em substituição do primitivo intento que tivera de fundar um convento de freiras, o que foi de mais eficaz e poderoso auxilio para aquelles religiosos.

As noticias da porfiada campanha dos filhos de Santo Ignacio de Loyola, as que resaltam da leitura do referido contracto e do testamento da condessa, cujas clausulas tanto demonstram o seu animo previdente e piedoso, occupam grande extensão da *Memoria*, e são curiosas, assim como tambem o é a relação dos bens que ficaram de Mem de Sá por seu fallecimento.

Não seguiremos, porém, o auctor nem numas nem noutras, nem na descrição da igreja e das capellas que a ornavam, algumas dignas de especial nota, e só lembraremos, para prová-lo, que a do cruzeiro, do lado do evangelho, consagrada a S. Francisco Xavier, fóra comprada por D. Joanna de Sousa, viuva do dr. Gabriel Pereira de Castro, o bem conhecido auctor da *Ulyssés*, a qual a dedicou á memoria de seu filho Fernão Pereira de Castro, morto em Granada, para onde fóra levado, ferido e prisioneiro, da batalha de Montijo, e cujo corpo entregue pela paz com Hespanha em 1667, foi sepultado na dita capella.

Depois vem o triste quadro das ruinas em que o terremoto de 1755 deixou a igreja, a expulsão dos jesuitas dos dominios portuguezes, o confisco dos seus bens para a corôa, a cedencia do Collegio e igreja ao Hospital de Todos os Santos, a dispersão dos restos aproveitaveis da opulenta fundação de D. Filippa de Sá: — cantarias, marmores, colunas, lagedos, para varios fins e edificios, até que ultimamente, em nosso tempo, no logar d'ella se construiu uma casa destinada aos serviços administrativos dos hospitaes civis de Lisboa.

Os destinos que tiveram alguns d'esses restos, varios d'elles preciosos, como se vê dos que aproveitou o Hospital de S. José, que veiu a estabelecer-se no Collegio de Santo Antão, fez muito bem o auctor da *Memoria* de os deixar aqui publicos e constituem uma das partes mais interessantes d'ella, embora, ainda mal, bem digna de lastima. Emfim, do grande templo, que mereceu tantos desvelos e tantas despesas á sua piedosa fundadora, hoje pouco mais haverá do que essas reliquias dispersas, e até do seu tumulo apenas se salvou a lapide com a inscripção, a qual, cedida entre varios materiaes á nova igreja da Anunciada, foi salva da completa ruina pela interferencia da administração do Hospital de S. José.

O sr. Victor Ribeiro, procedendo com a lisura que o caracteriza, não só confessa o que aproveitou para o seu estudo de obras impressas e de manuscritos, mas transcreve até no fim alguns dos documentos, outros tantos fiadores da importancia do assunto, o que tudo lhe aumenta o credito e robor a exposição do auctor.

— Cousa exquisita! disse um amigo a outro. Não sei onde minha mulher arranjou um pó de arroz tão doce, que todas as vezes que lhe dou um beijo parece-me que estou a comer assucar.

— Homem, é verdade! exclamou o outro distrahidamente, eu tambem já notei isso...

Lolita Vercruyse

E' uma distinta professora de harpa, laureada do conservatorio de Madrid.

No nosso meio artistico, onde acaba de fixar residencia, é bem conhecida.

Durante a época de *S. Carlos*, onde fez parte da orchestra, no *Colyseu dos Recreios*, onde foi applaudida no sólo da *Lucia*, nos concertos do Monte Estoril e ha pouco, na festa da *Academia de Amadores de Musica* e no teatro *Nacional*, no sarau do centro espanhol, esta distinta artista e professora foi alvo das mais entusiasticas ovações. Lolita Vercruyse dedica-se, entre nós, ao professorado de harpa e piano.



PUBLICAÇÕES

Biblioteca Historica — A Revolução e a Republica Espanhola, por Victor Ribeiro. Alfredo David, Editor, rua Serpa Pinto, 34, Lisboa.

Mais um volume desta util quanto instrutiva biblioteca, tão bem dirigida por Victor Ribeiro e tão bem lançada pelo seu editor, em volumes de grande atrativo e por um preço modestissimo.

Mas se a sua apresentação editorial é magnifica, não o é menos a sua leitura acompanhada de interessantes gravuras ilustrando o texto com os retratos das personagens que se relacionam com aquela revolução, e episodios que nela se deram, constituindo quadros historicos.

A Revolução e a Republica Espanhola, sendo um acontecimento contemporaneo, compreende-se a dificuldade de o historiar, com a frieza e imparcialidade que só o tempo traz aos espiritos em que, acaso, não impera a paixão.

O autor reconhece bem isto e declara honradamente que, impossivel lhe seria a tarefa se não viessem em seu auxilio dois livros recentemente publicados, dos escritores espanhoes, srs. Miguel Moraty e Perez Galdos, nomes illustres na literatura do país visinho.

E' seguindo o plano e apreciações destes dois escritores, que o sr. Victor Ribeiro coordenou neste seu volume, a historia da malograda Republica espanhola de 1873. Explica que as ideias democraticas em Espanha vêm desde os principios do seculo XIX, quaes os sacrificios por elas feitos naquele país até á implantação da Republica, pela qual tantos sofreram e quão mal aproveitado foi o triunfo, pela falta de estadistas ex-



LOLITA VERCRUYSE

perientes para darem a Espanha a estabilidade tranquila para o seu progredir economico e politico, de que ainda hoje carece, no dizer de Consiglieri Pedroso em 1887, que bem se póde repetir hoje.

E' de toda a vantagem conhecer esta historia, e muito principalmente aos portuguezes, ela lhe traz bom ensino neste momento.

Bibliografia Portuguesa. — *Apontamentos, Estudos, 1912*, por Alvaro Neves. Edição do OCCIDENTE. Em separata publicou o sr. Alvaro Neves, o belo artigo que sahio em os n.º 1199 e 1200 desta revista, acerca de Anibal Fernandes Thomaz, que os nossos leitores poderam apreciar.

E' digno de elogio este trabalho do sr. Alvaro Neves que assim vem enriquecer a bibliografia portuguesa.

Desta separata tiraram-se apenas 100 exemplares numerados, de que nos foi oferecido o n.º 2, que muito agradecemos.

A Escola sem Deus, por José Agostinho. — Livraria Portuense de Lopes & C.ª Suc., Porto. Folheto em 8.º pequeno de 60 paginas, o primeiro de uma serie deles que, com o sub-titulo de *Propaganda Popular*, o sr. José Agostinho, autor vantajosamente conhecido, se propõe publicar, demonstrando o erro da escola sem Deus.

O Trabalho sem Deus. — Do mesmo autor do livrinho precedente e nas mesmas condições está já publicado este folheto, o 2.º da *Propaganda Popular*. E' tambem de boa doutrina.



O MEZ METEOROLOGICO

Maio de 1912

Barometro — Max. altura 769^{mm}.3 em 8.

» Min. altura 757^{mm}.9 em 11.

Temperatura — Max. altura 34^º.6 em 10.

» Min. altura 11^º.2 em 1.

Calor sufocante de 7 a 10, com as temperaturas mais elevadas que se tem registado nesses dias. Em 7 atingiu o termometro 30^º.7, em 8 32^º.4, em 9 33^º.3 e em 10 34^º.6.

Desde 1854, as maiores temperaturas registadas nesses dias foram, respectivamente, de 28^º.1, 28^º.3, 29^º.3 e 28^º.0.

Na primeira dezena de maio, nunca o termometro se elevou acima de 30^º.

Chuva — 26^{mm}.9 em 6 dias, com um unico dia de chuva notavel em 21 (17^{mm}.0).

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 9 dias.

» Ceu nublado 21 dias.

» Ceu encoberto 1 dia.

Horas de sol — 262 horas.

Humidades extremas — 95, 19



— Quanto te custou esse relógio?
— Seis mezes de cadeia e muita correspondente.

Almanaque Ilustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está quasi esgotado e recebem-se encomendas para os poucos exemplares restantes, na Empresa do «Occidente» L. do Poço Novo — Lisboa

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantias

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principais medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forçças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou phisico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200